

Amorosas **RELAÇÕES**

Foto: Carlos Samara

TRANSITIVIDADE
Vivência busca debater postura feminina nas relações a dois

TATIANE FREITAS

A forma como as antigas gerações de mulheres portavam-se diante de seus maridos e companheiros tem repercussão direta na maneira como as adolescentes de hoje encaram um relacionamento a dois. Esta foi a conclusão a que chegaram a terapeuta humanista Bárbara Andrade e a terapeuta sistêmica Sônia Nemi, diante dos atendimentos que fazem. O fruto da constatação é a vivência "As relações amorosas das jovens mulheres", concebida pelas profissionais para discutir a reincidência de posturas de submissão entre as adolescentes nas suas relações amorosas.

O ponto de partida do trabalho é o depoimento de meninas entre 17 e 22 anos de idade sobre suas inseguranças e angústias diante de um relacionamento. Quase sempre são sentimentos relacionados ao medo de perder, de ser abandonada, de não ser correspondida, que revelam uma dependência emocional, um padrão de submissão, resultado da repetição de modelos antigos. "Mudou o contexto, mas as questões têm a mesma fundamentação", observa Bárbara Andrade.

Sônia Nemi define essa adolescente como "uma nova mulher em construção". Elas são filhas de uma geração de mulheres que conquistaram seu espaço no mercado de trabalho, sua independência financeira, mas, no nível do

sentimento, não estão maduras o suficiente para bancar seu espaço na relação, "não estão independentes emocionalmente", diz, acrescentando: "Ainda vivem uma fase de transição".

Por outro lado, continua, aquelas mulheres que, em certo momento, negaram a submissão emocional ao homem e acabaram por se separar de seus maridos apontam para uma idéia de impossibilidade de conciliação entre os papéis de "mulher-independente" e de "mulher-mulher", ou seja, para a impossibilidade de viver uma relação amorosa estável e, ao mesmo tempo, ser uma mulher independente nas suas emoções.

"Acreditamos que as adolescentes atuais sejam uma geração fértil para fazer essa síntese e dissolver esse conflito", afirma Bárbara, esclarecendo que uma das propostas da vivência em grupo é fazer esses rituais de passagem, a partir da exposição de suas queixas e, a seguir, com o fortalecimento do seu eu-individual.

"Queremos mostrar que a plenitude deve ser buscada em si mesmo e não no outro. Expomos o amor maduro como uma relação em que cada uma das partes deve, em primeiro lugar, amar a si e, se amando, poder compartilhar esse amor por si com o outro", continua a profissional, que diz ainda ser proposta do trabalho possibilitar que cada uma das adolescentes assuma as próprias expectativas de sua vida, no lugar de depositá-las no seu companheiro.

Isso tudo sem desvalorizar o amor romântico, mas sim diferenciando-o do amor inseguro e imaturo, "que



As terapeutas Bárbara Andrade e Sônia Nemi dizem que as adolescentes de hoje precisam aprender a buscar a felicidade em si próprias e não nos parceiros

admite lugar para o medo constante de perder o outro" ressaltam as terapeutas. Elas ainda avaliam que o sistema ideal de convivência a dois é aquele que admite uma dança dentro da relação, em que os dois possam alternar-se na

posição de poder, de forma que ambos sintam-se fortalecidos.

O primeiro encontro do grupo será uma vivência marcada para o próximo dia 26, ocasião em que as profissionais farão palestra

para instigar reflexões sobre o tema. As jovens, entre 17 e 22 anos, interessadas em fazer inscrições podem obter mais informações no Espaço Ámago (Pituba), pelos telefones 240-2625 e 240-1927.